

A LUTA PELA FEDERALIZAÇÃO DA FURB CONTINUA

EXPRESSÃO

Ano 3 Número 22 Julho.2011

Uma publicação
do Sindicato dos
Servidores Públicos
do Ensino Superior
de Blumenau

UNIVERSITÁRIA

www.sinsepes.org.br

*Senhoras e senhores,
o Expressão Universitária
apresenta:*

**FESTIVAL
DE TEATRO**

Desacato!



»» Editorial

Neste mês começou a cristalização de um processo que até então limitava-se a anúncios da Reitoria e muita confusão de entendimento. A discussão acerca da formulação do PDI (Plano de Desenvolvimento Institucional) da FURB está lançada oficialmente. Depois de anunciar que a coordenação deste processo será de responsabilidade do professor Ivo Theis e apontar calendário, a realização de evento para socializar a experiência de construção do PDI da Universidade Federal de Santa Catarina sinaliza que finalmente o processo vem a público. A apresentação foi feita em Sessão Solene do Conselho Universitário, contando com representantes da UFSC, oportunizando alguns necessários esclarecimentos.

O PDI é exigência do Ministério da Educação, de forma a fazer com que as universidades brasileiras componham e publiquem regularmente seu planejamento. Muito mais do que um dos componentes das avaliações institucionais do

MEC, este documento significa a sinalização, para a sociedade, do que pretende ser e quais os objetivos de desenvolvimento da universidade. A exigência é de renovação quinzenal do PDI junto ao Ministério e este é avaliado não só como planejamento, mas na sua transformação em realidade institucional.

Apesar de ser uma exigência re-

O PDI é documento administrativo, não de regulamentação jurídica. Portanto, sinaliza política e administrativamente qual o rumo de desenvolvimento da instituição, mas não é base de regulamentação dos seus processos e nem possui caráter estatuinte.

lativamente recente na política educacional nacional, a obrigatoriedade de apresentação do PDI quase significou prejuízo de avaliação para a FURB. Por não ter formulado este documento, preferindo tratar estritamente do seu "planejamento estratégico", a gestão Deschamps (2007-2010) conduziu à deliberação dos

conselhos superiores uma proposta compilada às pressas e aprovada ad referendum. Na oportunidade a apresentação do SINSEPEs destacou a necessidade de ampliação do debate e horizontalização das discussões, opinião compartilhada com outros Conselheiros. A aprovação foi unânime, dada a necessidade e prejuízo institucional de não fazê-lo, porém os

conselhos sinalizaram a abertura de processo democrático para discussão do PDI.

Convém destacar que o PDI trata-se de documento administrativo, não de regulamentação jurídica. Portanto, sinaliza política e administrativamente qual o rumo de desenvolvimento da instituição, mas

não é base de regulamentação dos seus processos e nem possui caráter estatuinte.

Destacadamente, o professor Ivo, ao descrever os objetivos e pretensão do trabalho a realizar, deu ênfase ao caráter democrático, participativo e comprometido com a concepção de universidade pública. Aliados à importância da participação dos estudantes e a ampliação ao máximo da contribuição da sociedade na discussão, estes elementos fazem uníssonas as declarações do coordenador e as concepções defendidas pelo SINSEPEs. Entretanto, a Reitoria da FURB, ao conduzir várias das demandas sindicais (componentes da Pauta de Reivindicações 2011) para discussão neste processo, tornou a discussão mais difícil e instalou a disputa política. Tendo clareza do caráter não estatuinte e de regulamentação do PDI, as discussões acerca da regulamentação dos direitos garantidos na legislação municipal devem avançar. Estas não podem sofrer interrupções baseadas neste documento de cunho estritamente administrativo.

Sobre o tradicional Festival Universitário de Teatro, imprescindível para a efetivação da FURB como universidade promotora da cultura, perguntamos:

Quanto tempo esta administração, que está prestes a fazer aniversário, e propunha destaque à questão cultural, vai protelar sua inclusão na estrutura administrativa?

Fazer existir uma política cultural na instituição sem nenhuma estrutura com este intuito é uma proposição consciente da administração da FURB?

Em assumida dificuldade financeira da instituição, promover o Festival Universitário de Teatro implica em financiar integralmente o FITUB?

Estruturar de forma séria a captação de recursos, organizar e realizar o FITUB a partir de financiamento externo significariam excluir da FURB o "seu" festival?

Afinal, a política cultural da FURB é um teatro?

Educação em Ciências para o século XXI:

O ensino de Ciências e a educação científica como desafios atuais para a educação básica

POR EDSON SCHROEDER, professor Doutor e pesquisador do Departamento de Educação da FURB, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática (PPGECIM) <edi.bnu@terra.com.br>

Durante muitos anos, o cenário escolar esteve voltado para um ensino que priorizava a transmissão dos conhecimentos científicos por parte dos professores, enquanto os estudantes eram passivos nesse processo, ignorando-se que a construção do conhecimento científico envolve uma série de fatores, tanto os de ordem cognitiva, psicológica, quanto os de ordem social.

Pesquisas apontaram para uma necessidade de mudanças na atuação de professores e professoras nos diversos níveis de ensino. Ao contrário da prática da "ciência morta", novos objetivos e metas no ensino de ciências começaram a ser concretizados com o passar dos anos. Um deles seria o de aproximar o conhecimento científico e tecnológico da imensa maioria da população escolarizada, de modo que, efetivamente, este se incorporasse ao universo das representações e se constituísse como cultura. Por conseguinte, dever-se-ia construir o entendimento de que o processo de produção do conhecimento que caracteriza a ciência e a tecnologia constitui uma atividade humana, determinada sócio-historicamente, submetida a pressões internas e externas, com processos e resultados, muito embora, ainda pouco acessíveis à maioria das pessoas escolarizadas.

A educação científica, ou, alfabetização científica, como é referida por alguns autores como Pozo e Crespo, Fourez e Chassot se constitui como uma das grandes linhas de investigação na educação em ciências. Este movimento relaciona-se a mudanças nos objetivos desse ensino no que diz respeito à formação geral da cidadania, assumindo, hoje, um papel importante no panorama nacional e internacional. Pode-se quase afirmar que os "analfabetos formais", que vivem num mundo sofisticadamente tecnológico, vivem o que poderia ser chamado de analfabetismo científico e, muito provavelmente são, também, analfabetos políticos. O problema com que nos defrontamos é,

Os conhecimentos científicos ensinados na escola muitas vezes estão afastados do cotidiano de grande parte dos estudantes. Estes conhecimentos pouco têm auxiliado os indivíduos a refletir e agir sobre suas questões cotidianas

paradoxalmente, simples e complexo. Simples porque sabemos o que fazer: propor uma educação que alfabetize política e cientificamente cidadãos. Complexo, pois temos que sair do que se está fazendo e propor maneiras novas de ensinar nestes novos tempos. Um indivíduo será alfabetizado científica e tecnicamente, quando tiver consciência do porquê, em vista de que e para que as teorias e modelos científicos foram construídos. A ciência foi, é, e está sendo construída por homens e mulheres que pensam sobre questões que envolvem o mundo natural e tecnológico, para que melhor possamos entendê-lo e agir sobre nossas próprias demandas e necessidades.

A modernidade nos trouxe colossais desafios e, no seu entendimento, talvez, a maior tragédia da modernidade aponte para a questão educacional e assim pode ser resumida: logramos o desenvolvimento sofisticado da ciência e tecnologia sem uma correspondente evolução psíquica e ética. A aculturação e educação clássica têm se resumido a um processo de treinamento racional e aquisição de um repertório comportamental adaptativo em grande escala. Nas escolas, o estudante é obrigado a "engolir" informações e a "devolvê-las" nas avaliações e que, muitas vezes, se tornam inúteis em quatro anos. Aplica-se o perverso método da comparação, em que um desempenho padrão é exigido, com a repressão sistemática da diversidade e originalidade de um conhecimento científico ou escolar.

Entendemos que educação científica não deve centrar-se apenas na aprendizagem passiva de conceitos. Os estudantes precisam utilizar os conhecimentos como instrumentos que ofereçam novos significados e percepções sobre o mundo, criando outras possibilidades de interação com a realidade. Almejamos, portanto, uma emancipação social e cultural, via formação científica, que possibilite uma compreensão da realidade muito mais completa e interessante. O ensino de ciências, neste contexto, tem um importante

papel na formação de crianças e adolescentes, se quisermos uma educação científica realmente significativa para todos.

Além destes desafios, também há preocupações relacionadas com a discussão a respeito da formação e capacitação dos professores, com o necessário aprofundamento teórico-reflexivo sobre os aspectos associados à educação científica que contempla unicamente a transmissão do conhecimento. Pesquisas mostram que, tanto licenciandos como professores do ensino fundamental ainda possuem uma concepção reducionista sobre o ensino de ciências. Os estudantes precisam utilizar os conhecimentos científicos como instrumentos que ofereçam novos significados e percepções sobre o mundo, criando outras possibilidades de interação com a realidade. Possivelmente, a transmissão de informações destituídas de significado, é uma das causas que aqui colocamos em evidência: o desinteresse pelas aulas e pelo que nelas precisa ser aprendido. Além disso, os estudantes podem não estar sendo incentivados ao desenvolvimento de suas capacidades construtivas, não conseguem compreender a aplicação dos conhecimentos, não desenvolvem sua intelectualidade e atitudes como interesse pelos estudos, responsabilidade e crítica.

Os conhecimentos científicos ensinados na escola, se considerarmos o seu valor e o seu sentido, muitas vezes estão afastados do cotidiano de grande parte dos estudantes. Estes conhecimentos pouco têm auxiliado os indivíduos a refletir e agir sobre suas questões cotidianas. Geralmente, não se tornam instrumentos que possam dar conta da compreensão de muitos fenômenos naturais, tecnológicos e sociais encontrados pelos estudantes fora da sala de aula. Todavia, nunca deixamos de acreditar que o que ensinamos na escola deve auxiliar os estudantes na construção de uma cultura científica com vistas a um entendimento dos fenômenos do mundo físico, químico e biológico, dos aspectos ambientais necessários para a manutenção da vida, além da compreensão dos processos de produção do conhecimento humano e da tecnologia, suas aplicações, consequências e limitações. Os conhecimentos derivados das ciências humanas e naturais devem ampliar suas experiências na construção de concepções adequadas sobre o meio natural, social e tecnológico.

A partir destes pressupostos concebemos o Programa de Extensão "Educação em Ciências para o Século XXI", tendo-se como objetivo central a melhoria da educação científica das escolas públicas de nossa região. Portanto, fez-se necessário o desenvolvimento de ações que pudessem atender as necessidades de professores e estudantes no que diz respeito à qualificação teórico/prática, apoio material, acompanhamento técnico, entre outras ações. A inserção dos estudantes na prática do "fazer ciência" pretende desenvolver uma compreensão mais apurada da comunidade da qual fazem parte, além de mostrar preocupações com as questões relacionadas ao ambiente e qualidade de vida. Em uma primeira etapa de desenvolvimento o Programa, que já acontece desde o ano 2009, desenvolve dois projetos: "Clubes de Ciências: incentivo à iniciação científica e técnica", e o projeto "Ensino de Ciências para os anos iniciais: apoio ao professor e qualificação em serviço". Estes projetos, que têm a educação científica como principal interface, pretendem beneficiar professores do ensino fundamental, estudantes e comunidade, uma vez que as ações propostas visam incluir uma prática preocupada com a qualidade e comprometida com as questões relacionadas às necessidades das comunidades que cercam as escolas. Importante ressaltar que a qualificação em serviço dos professores dos anos iniciais obteve reflexos sobre suas práticas docentes, atingindo, de maneira indireta, cerca de 2 mil crianças matriculadas nos anos iniciais. Da mesma forma, o projeto de apoio aos Clubes de Ciências está atingindo, de forma direta, cerca de 500 crianças e adolescentes que já fazem parte dos Clubes em funcionamento.

O Programa pretende, também, aprofundar as discussões relativas ao ensino de ciências, sobretudo as questões metodológicas e conceituais. Assim, abriu-se, paralelamente, um leque de possibilidades para pesquisas em Educação em Ciências, vinculadas tanto ao Mestrado em Educação (PPGE/FURB) como ao Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Naturais e Matemática (PPGECIM/FURB). Neste sentido, a educação científica poderá ser amplamente pensada como objeto de pesquisa, considerando-se aspectos como a construção do conhecimento científico e suas formas de socialização e apropriação por parte das crianças e dos adolescentes.

Foto: Leo Laps



Expressão Universitária é uma publicação do Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau.

Jornalista responsável: Leo Laps (01989)P-DRT/SC).

Projeto gráfico, diagramação e edição: Leo Laps. Tiragem: 3.000 cópias. Gráfica: Grupo Paulo Pimentel (Curitiba).

Endereço: Campus I da FURB (Rua Antônio da Veiga, 140 - Victor Konder - Blumenau - SC - CEP 89012-900

Telefone: 47 3321-0400 ou 47 3340-1477 E-mail: sinsepes@sinsepes.org.br.

As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores.

Acesse www.sinsepes.org.br e confira versões anteriores em PDF.

DIRETORIA SINSEPEs

Presidente: Tulio Vidor Vice-presidente: Ricardo Machado

Secretário-geral: Joni Júlio Evaristo 1ª Secretária: Laurete Maria Ebel Coletti

Tesoureiro: Luiz Heinzen 1º Tesoureiro: Luiz Donizete Mafrá

Diretora de Assuntos Jurídicos: Ivone Fernandes Morcilo Lixa Diretora de Cultura: Mariana Freitas

Diretor de Comunicação: Carlos Alberto Silva Diretora de Formação e Saúde: Nevoní Goretti Damo

Conselho Fiscal: Simone Wagner Rios Largura, Rita de Cassia Marqui e Décio Zendron (titulares), Rubia Carla Ribeiro e Natacha Juli Georg (suplentes)

$x = a \cos(t) + b \sin(t)$, $y = a \sin(t) + b \cos(t)$

diversas

O direito de se manifestar

Dia 21 de maio, a polícia militar de São Paulo abusou de bombas, cacetetes e afins para coibir uma manifestação pacífica que pedia a descriminalização da maconha no país. O excesso de violência divulgado em vídeos, fotografias e textos teve repercussão tão negativa que obrigou o Supremo Tribunal Federal a diferenciar, por meio de decreto, o que é apologia ao uso de drogas e o que é o direito a manifestar uma opinião.

A resposta dos movimentos populares foram as Marchas das Vagabundas e Marchas da Liberdade, que ocorreram em diversas cidades do país nas últimas semanas. O manifesto lançado em São Paulo sustenta que "a liberdade de expressão é o chão onde todas as outras liberdades serão erguidas: de credo, de assembleia, de amor, de posições políticas, de orientação sexual, de cognição, de ir e vir... e de resistir". Em Florianópolis, o manifesto aconteceu no dia 18 de junho, reunindo cerca de 300 pessoas em prol da liberdade de escolha e expressão.

"Se eu quisesse ser comida, me vestiria de sanduíche"

Já a Marcha das Vagabundas nasceu depois que um policial canadense declarou que, se as mulheres do país usassem "mais roupa" haveria menos estupros. Nas faixas das manifestantes na Capital de SC, dizeres como "Piranha é peixe, eu sou mulher" e "Se eu quisesse ser comida, me vestiria de sanduíche" davam sua resposta bem humorada ao machismo que persiste na sociedade.



<http://www.nataderotape.com.br/>

ASNEIRADADOMÊS

"O Congresso Nacional fez uma lei inconstitucional. Não sei como o Supremo [Tribunal Federal] acatou uma lei inconstitucional e intervindo no Estado, estabelecendo que o salário do Brasil todo é esse."

Senador Luiz Henrique da Silveira, no programa Guarujá Entrevista, gravado em 19 de junho, referindo-se ao parecer do STF a respeito da Adin impetrada pelo Estado de Santa Catarina durante o seu governo contra o pagamento do piso salarial dos professores.

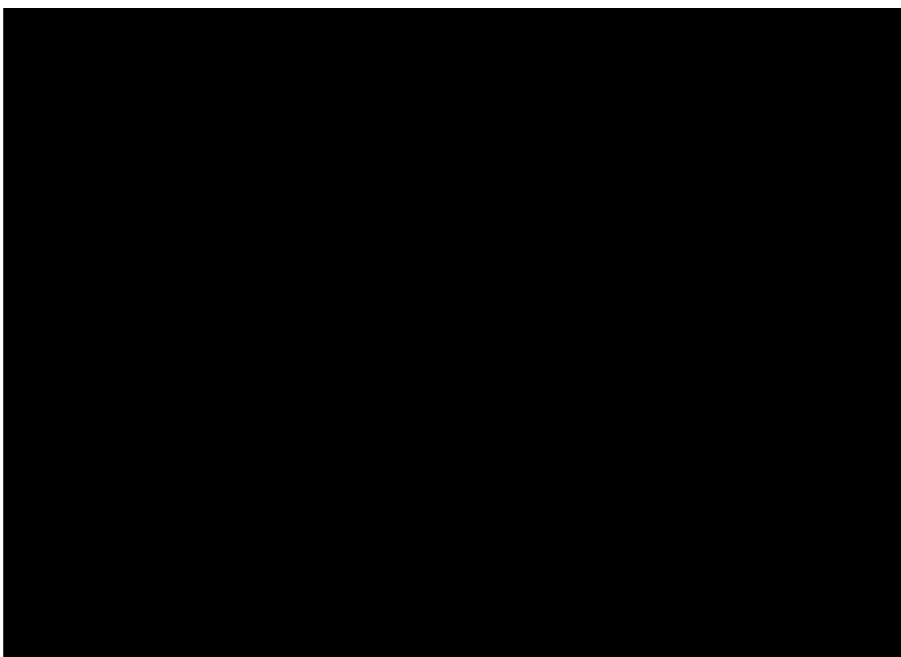
Entre gastos e investimentos

Enquanto despesas na área social são percebidos como "gastos", o BNDES deve vir a fornecer 4 bilhões de reais para que o grupo Pão de Açúcar adquira o Carrefour. Na linguagem empresarial, isso se chama "investimento".

"Numa época em que uma parte crescente da juventude se liberta cada vez mais dos preconceitos morais e da autoridade familiar para participar, e bem cedo, das relações de exploração declarada, o estudante mantém-se ainda, a todos os níveis, numa "minoría prolongada", irresponsável e dócil. Se a sua tardia crise juvenil o opõe um tanto à família, ele aceita facilmente ser tratado como criança nas diversas instituições que regem a sua vida quotidiana."

Trecho retirado do manifesto da Internacional Situcionista intitulado "Da miséria do meio estudantil" escrito no ano de 1966, criticando os estudantes e o meio universitário francês da época. Qualquer coincidência com o movimento estudantil da FURB é mera semelhança.

Charge do Charles



"Dedicada às atuais posturas do poder público municipal em relação a cultura de Blumenau"

A palavra de ordem do capital: austeridade

Na lógica financeira mundial, para salvar economicamente um país é preciso destruí-lo socialmente. Em nome de uma tal de austeridade, países europeus como Grécia, Espanha, Reino Unido e Irlanda implementam medidas de precarização dos direitos dos trabalhadores, como aumento da idade mínima para se aposentar e de corte dos chamados gastos públicos (essas coisas "nada" importantes como educação, saúde e assistência social). Estas medidas seriam tomadas para impedir o país de "quebrar". Existe ainda possibilidade de piorar a vida mais do que já foi precarizada por estas medidas? O que significar quebrar? O que significa o desenvolvimento de um país?

Titanic autoritário

Presidente da Fundação Cultural de Blumenau processa membro do Conselho Municipal de Cultura por "desacato", em mais um triste capítulo do despreparo dos gestores públicos da área

Logo quando nomeada presidente da Fundação Cultural de Blumenau, após o desastre de novembro de 2008, para o segundo mandato do prefeito João Paulo Kleinubing, a peemedebista Marlene Schindwein mostrou domínio da arte de dar tiros no pé. Em entrevista ao *Jornal de Santa Catarina*, na época, ela apresentou críticas com uma metáfora – até hoje utilizada para definir a falta de políticas culturais na cidade – que transformava os artistas locais em músicos de um titanic germânico que afundava na lama e no descaso. Para fechar, revelou com naturalidade que estava no cargo apenas como parte de uma negociação partidária-eleitoral entre DEM e PMDB.

A mais nova polêmica relacionada à presidente, que também já havia sido desmascarada usando a *Wikipedia* (sem citar fonte) para responder perguntas sobre arte contemporânea, veio à tona na carta aberta publicada pela jornalista e produtora cultural Aline Assumpção no blog colaborativo umescambau.blogspot.com no 16 de junho.

Na carta, Aline expôs o motivo pelo qual havia renunciado ao cargo voluntário no Conselho Municipal de Cultura (órgão que busca desenvolver políticas públicas para a cultura): um processo criminal por "desacato" movido contra ela pela presidente da FCBLU. Schindwein resolveu sair do campo dos disparates para o das ameaças jurídicas.

A acusação teria sido feita após o dia 14 de abril de 2010, quando houve um protesto em frente à FCBLU devido ao atraso do pagamento dos artistas que participaram do último Salão Elke Hering e ao fechamento do Casarão das Oficinas

Rafael Koehler, ator do Grupo K de Teatro, em carta onde lembra o dia do protesto de 14 de abril:

"A reunião teve início e durante, aproximadamente, duas horas vimos uma "representante" da cultura se justificando, colocando a culpa no jurídico, nos gestões anteriores, na burocracia, nos artistas, etc. Somente após a artista Aline Assumpção falar sobre a desorganização do Edital do 9º Salão, citando algumas das falhas ocorridas, somente depois de não ter para onde fugir, de não ter como culpar outros, (...) a Fundação reconheceu o seu erro: "Edital errado, sim, horrível", disse (...) a diretora administrativa e financeira"

Aline não foi a única a falar, porém foi a mais sensata. (...) Não recordo com precisão a ordem dos fatos, mas desde então o Casarão das Oficinas, onde eu ministrava aulas de teatro, foi fechado; o telhado da Escolinha de Artes desabou e tudo foi demolido; o Museu Fritz Müller só acumula problemas; a Feira do Livro se tornou uma vergonha; a mandatária se sentiu ofendida e abriu um processo contra Aline Assumpção, (...) e os espaços da Fundação, antes gratuitos aos artistas, começaram a ser cobrados.

Rodrigo Ramos, professor, jornalista e produtor cultural:

A presidente da FCBLU entra para a "história da cidade", como a pior gestora cultural de todos os tempos. Isso noticiado pelo *Santa* e por tantos outros veículos midiáticos. O total despreparo no que tange ao diálogo pode ser sentido nas ações tomadas por esta senhora. Ninguém consegue entender como diante de tantas reclamações a mesma ainda permanece no cargo. É bem provável que, ao publicar este artigo, seja eu também intimado a responder processo na justiça.

Arte e foto: Leo Laps

(agora investigado pelo Ministério Público de SC) e da Escolinha de Artes, entre outros. Na reunião que se seguiu ao protesto, Aline teria questionado o edital do evento, cobrando da diretoria da Fundação agilidade e competência para resolver os problemas da área. Bastou para Schindwein se sentir desacatada e partir para a tentativa de calar as críticas por vias jurídicas. Dizendo-se arrependida, afirmou publicamente ter retirado a denúncia contra a conselheira, o que não ocorreu. Aline então preferiu pagar multa ao Fundo Penitenciário Nacional para evitar um longo e desgastante processo para provar sua inocência.

Cinco dias depois da carta publicada na Internet, outra conselheira, a historiadora e professora da FURB Carla Fernanda da Silva, renunciou ao cargo em repúdio ao gesto autoritário da presidente da FCBLU. No final de junho, Charles Steuck e Daiana Schwartz, ambos do conselho do Museu de Arte (MAB) de Blumenau, também anunciaram suas saídas do órgão. Somadas às saídas anteriores de Márcio Kubiak e Cleiton Rocha do Conselho Municipal de Cultura e a do professor Gervásio Luz do conselho editorial da Editora Cultura em Movimento, que pertence à FCBLU, o que se percebe é uma exaustão dos envolvidos na difícil luta por políticas públicas culturais consistentes na cidade.

O *Expressão Universitária* abre aqui espaço para trechos de cartas, artigos e respostas publicadas no umescambau.blogspot.com e em outros meios em relação ao caso. Para ler na íntegra os textos, acesse o blog na Internet.

Ricardo Machado, historiador e vice-presidente do Sinseps:

Se tornamos natural atitudes autoritárias como esta, estaremos abrindo mão de direitos fundamentais para o exercício da liberdade. Até agora pisaram nas nossas flores e mataram nossos cães. Mas, se nos calarmos, amanhã virão para cortar nossa garganta e aí definitivamente estaremos silenciados.

Marlene e aqueles que trabalham contra as potencialidades do tempo presente nos desacatam diariamente, quando deixam morrer por falta de oxigênio o broto do futuro. É por este broto que morre todos os dias que não podemos nos calar.

Carla Fernanda da Silva, historiadora e professora universitária, na carta de renúncia à cadeira do conselho:

1) Não tenho expectativas de mudanças e valorização da Cultura por parte do governo do prefeito João Paulo Kleinubing e sua equipe (...);
3) Minha renúncia também é um ato de Repúdio ao processo criminal movido contra a ex-conselheira Aline Assumpção, pela presidente da Fundação Cultural de Blumenau, Marlene Schindwein. Entendo que o uso de Boletins de Ocorrência para fazer calar uma conselheira é uma intimidação, dirigida não só a todos os Conselheiros, mas também à comunidade representada.

Cleiton Rocha, ator e psicólogo:

Testemunho que as colheiras foram as culpadas, eu as vi batendo nas panelas, as panelas ficaram furiosas e acusaram a Fundação Cultural de negligência, os donos das panelas as silenciaram e resolveram conversar, mas a ordem deve ter ficado surda, e achou um desacato da panela reclamar da colher que bate. Ou não foi assim, mas não foi o nada.

Gregory Haertel, psiquiatra e escritor, sobre o dia do protesto, em 2010:

(...) eu saí de lá, do pátio da Fundação Cultural de Blumenau, para ir não me recordo para onde, por saber que, em um processo democrático, a minha voz, erguida pela garganta de outros, seria ouvida. Mas a minha voz não foi. A minha voz, representada pela voz de outros, foi legalmente calada. E o processo de mudança, tão almejado, teve início. Pelo avesso.

Márcio Cubiak, produtor cultural e ex-conselheiro do Conselho Municipal de Cultura, em carta onde publica os motivos por ter renunciado à cadeira:

Isso mostra quão despreparada se mostra essa senhora representante das mulheres da elite Blumenauense (mulheres maçons, OASE, Rotarys e todos esses demais clubes de serviço). Pode até bem representá-las, como pessoa política, mas como gestora, Marlene Schindwein não tem café algum. Pode até ser bem intencionada, como dizem uns trabalhadores lá de dentro da fundação. Mas isso não basta.

Viegas Fernandes da Costa, escritor e servidor da Furb, em artigo publicado no *Jornal de Santa Catarina* no dia 22 de junho de 2011:

Não importa se Marlene Schindwein alega que retirou o processo, mais tarde. Interessa que o processo foi aberto, e Marlene recorreu a um dispositivo próprio do coronelismo, impondo censura a uma ativista cultural legitimada pela classe artístico-cultural através de eleição democrática na Conferência Municipal de Cultura. (...) Seu gesto é grave e abre um precedente perigoso porque estabelece uma política da mordaza, quando na realidade precisamos de uma política cultural efetiva e plural.

A responsabilidade por este caos na gestão cultural municipal é daqueles que indicaram Marlene Schindwein para o cargo, a saber, o PMDB (seu partido) e o prefeito João Paulo Kleinubing. Vale lembrar que há anos não ocorre concurso público para a Fundação Cultural e que grande número de cargos são preenchidos por pessoas sem habilitação, atendendo apenas aos interesses políticos de ocasião.

Daiana Schwartz, artista visual, em carta de renúncia ao Conselho do MAB:

Não me resta outra alternativa, senão renunciar ao Conselho do MAB, já que o prefeito João Paulo Kleinubing, não foi capaz de dar a mínima atenção aos debates culturais da cidade em que foi eleito para administrar. Não estou desistindo, pois continuo acreditando no papel da sociedade civil na construção de políticas democráticas. Mas, estou convencida que com esta administração não há mais esperança sincera de mudança.

Há de chegar um dia em que a EDUCAÇÃO e CULTURA serão prioridades em Blumenau

Rumo à federalização

Conclusão de estudos técnicos, etapa fundamental para constituir uma universidade pública e gratuita no Vale do Itajaí, entra em fase final

POR TULLIO VIDOR, presidente do SINSEPEs e membro da coordenação colegiada do Comitê Pró-Federalização da FURB

O resultado da reunião do Comitê Pró-Federalização da FURB, Reitoria e líderes políticos com o Ministro da Educação Fernando Haddad, realizada em 2009 na Capital Federal, trouxe tarefas específicas ao nosso movimento. Na oportunidade, foi apresentada nossa demanda ao Ministro, o acúmulo do movimento e a tese que defendemos, esclarecendo o trâmite, no Congresso Nacional, do projeto de criação da Universidade Federal do Vale do Itajaí. Nossa proposta é que a FURB seja o embrião desta nova Universidade, na prática federalizada dentro de uma instituição que não se limite à atual estrutura da FURB. Como resposta, recebemos a tarefa de produzir três estudos técnicos: administrativo-financeiro, comparando a eficiência administrativa da FURB com universidades federais de mesmo porte; jurídico, demonstrando a legalidade do aproveitamento da estrutura física, de pessoal e dos estudantes da FURB;

e finalmente de diretrizes institucionais. Da apresentação dos estudos técnicos propostos depende a análise efetiva por parte do Ministério de Educação, permanecendo aberta a interlocução com o governo federal.

A partir da demanda apresentada pelo MEC, o Comitê Pró-Federalização da FURB direcionou os esforços no sentido de cumprir a tarefa. Para realização dos estudos, foram contatadas instituições de comprovada qualificação técnica, reconhecidas e com histórico de interlocução com o Ministério, caso do INPEAU (Instituto de Pesquisas e Estudos em Administração Universitária) da UFSC, cuja experiência inclui o projeto de criação da Universidade Federal da Fronteira Sul. Esta é a fase em que estamos, realizando os estudos técnicos, com previsão de conclusão para o segundo semestre de 2011, para reabrir a agenda com o MEC e seguir nossa caminhada rumo à constituição de uma universidade federal no Vale do Itajaí.

Seminários regionais levaram discussão do projeto a diferentes regiões do Médio Vale

Apesar do foco nos estudos técnicos, no Comitê Pró-Federalização, o trabalho político e de mobilização não para.

Em junho, na visita da Presidência da República a Blumenau, o Comitê foi recebido pela assessoria da Secretaria Geral da Presidência, onde foi possível dirimir com clareza as dúvidas e tivemos uma recepção bastante positiva da parte dos assessores

A dinâmica de liberações horizontais continua, sendo os rumos do movimento discutidos nas plenárias mensais, abertas em voz e voto a todos os cidadãos interessados. Para executar as tarefas, a coordenação colegiada organiza os trabalhos

entre as reuniões mensais. Desta coordenação, definida pela plenária, fazem parte os diversos setores da sociedade. São componentes do colegiado: a Reitoria, os servidores e os estudantes, através de suas entidades representativas, juntamente com

a comunidade externa (associações, movimentos sociais, mandatos legislativos e executivos municipais).

No mês de junho, o Comitê realizou três seminários regionais para discutir com a comunidade e receber contribuições ao projeto, desenvolvido em conjunto com o INPEAU. Os seminários ocorreram em Ascurra, Brusque e Blumenau, objetivando diagnosticar características de diferentes regiões do Médio Vale, pois nossa proposta tem ênfase territorial na região de abrangência da AMMVI (Associação dos Municípios do Médio Vale do Itajaí). Nestes seminários foi apresentado o histórico do movimento, as atividades em curso e discutidos os desafios ao desenvolvimento de cada região, bem como a potencial contribuição de uma universidade federal para a superação destes desafios.

Ainda em junho, como parte da agenda da Presidência da República em Blumenau, o Comitê Pró-Federalização foi recebido pela assessoria da Secretaria Geral da Presidência. Na oportunidade, pudemos apresentar o projeto preliminar, bem

como relatar o desenvolvimento dos estudos técnicos, dos encontros regionais e discutir sobre as soluções propostas para os temas mais críticos. Em quase uma hora de reunião foi possível dirimir com clareza as dúvidas e tivemos uma recepção bastante positiva da parte dos assessores. O projeto preliminar foi entregue, juntamente com uma cópia dos Cadernos da Federalização, acompanhado de uma carta pessoal à presidenta Dilma Rousseff. Consideramos o encontro bastante positivo e obtivemos o compromisso de avaliação da nossa proposta por parte da Presidência da República. Ressaltamos a necessidade da conclusão dos estudos técnicos para voltar ao MEC.

No Congresso da União Catarinense dos Estudantes (UCE), demos mais um passo em nossa trajetória rumo à federalização. Por intermédio de integrantes do movimento estudantil da FURB, nossa causa foi incorporada como reivindicação da entidade. Agora, será apresentada pela UCE no Congresso da União Nacional dos Estudantes.

Considerações levantadas nos encontros regionais:



Em Ascurra, presentes realçaram o problema da evasão de jovens da região

Seminário realizado em Brusque, 31 de maio:

A atividade econômica do município é concentrada, destacando-se os setores têxtil e metal-mecânico. Há forte demanda pela diversificação da atividade industrial, diminuindo a vulnerabilidade da economia local a crises setoriais. A universidade deve impulsionar o desenvolvimento tecnológico nas áreas existentes e em ascensão (como a de tecnologia da informação), enquanto promove a reflexão sobre a vocação econômica da região, inclusive com vistas a redefini-la.

É fundamental produzir, através da universidade, diagnóstico profundo da realidade do município para planejar ações de médio e longo prazo. Um exemplo prático é a percepção de que a crise nos setores industriais deve-se, em parte, pela crescente pulverização da produção, de grandes para várias empresas menores. A explicação percebida é de que as empresas familiares são cada vez mais vítimas de problemas de sucessão e quebras de herança. Entender este contexto é exemplo prático da contribuição de uma estrutura universitária na análise e projeção da sociedade da região.

O planejamento do próprio município é apontado como questão primordial e urgente. A universidade deve ter intrínseca relação com o poder público, contribuindo para a elaboração das políticas e prestação de serviços públicos. Além disso, deve instrumentalizar o planejamento em todas as áreas: econômico, social, habitacional, ambiental, etc.

A universidade é apontada como instituição estratégica para facilitar, através de suas atividades, efetiva constituição e implementação da região metropolitana e integração regional.

O diagnóstico de que a sociedade é cada vez mais pautada no consumo material, construindo assim a relação entre as instituições e indivíduos, demanda da universidade a intervenção nos diversos níveis de ensino, em uma estratégia de promoção de cidadania. Faz-se necessário aumentar a consciência social e influenciar os valores na perspectiva da coletividade, reduzindo o individualismo.

O processo educacional precisa ser visto de forma global, com complementação entre os diferentes níveis, sendo a universidade responsável por direcionar a evolução qualitativa do mesmo.

A presença de um campus na região contribuiria para solucionar os problemas de acesso e frequência ao ensino superior. Aos elementos apontados neste sentido pelo encontro em Ascurra, agrega-se a preocupação de deteriorização social a que estão submetidos os estudantes: tendo que pagar mensalidades, tem acesso mais restrito a alimentação e transporte adequados por dificuldades financeiras. A comunidade aponta os estudantes como vulneráveis à necessidade de financiamento alternativo, resultando em casos extremos como a prostituição.

As áreas de conhecimento consideradas prioritárias são as das Ciências Humanas, Sociais, Tecnológicas e da Educação, Engenharias e Arquitetura.

Seminário realizado em Ascurra, 30 de maio:

Apontada grande preocupação com a evasão de força de trabalho da região. Os jovens tem migrado para outras regiões em busca de qualificação ou mesmo oportunidades de emprego. A preocupação não se restringe ao trabalho rural, pois a região não tem capacidade de absorver a força de trabalho e nem oportunizar a diversidade de postos e ocupações suficientes para ser atrativa aos jovens.

As atividades econômicas mais desenvolvidas na região necessitam de suporte e desenvolvimento de tecnologias e saberes mais voltados à realidade local. Segundo os participantes, a região é servida de assessorias (ex. SEBRAE, CIDASC, EPAGRI, etc.), no entanto insuficientes para impulsionar desenvolvimento. O auxílio é dado em técnicas gerais e em intervenções geralmente não presenciais, implicando muito mais adaptação dos atores sociais do que das técnicas a estes.

Atividades foco a desenvolver: Agricultura, indústria e empreendedorismo.

Dificuldade de acesso ao atendimento público. A estrutura pública é muito distante, tanto em termos administrativos como de presença física do Estado. As atividades cuja responsabilidade é da União ou do Estado tem baixíssima representação na região, sobrecarregando a administração municipal em todos os aspectos de atendimento público. Há necessidade de aproximar fisicamente a relação dos cidadãos com os aparelhos de Estado, tanto com relação ao atendimento em si como com a possibilidade de reivindicação e apontamento das demandas sociais específicas.

Área de maior carência: Saúde pública.

A região carece da presença física de uma instituição de nível superior, com estrutura completa, capaz de suprir as necessidades de formação efetiva, com qualidade e voltada para as demandas regionais. Há uma grande preocupação com a qualidade das modalidades de ensino à distância, única e insuficiente pos-

sibilidade de frequência de ensino superior que não necessita deslocamento para municípios maiores. A demanda é por um espaço de vivência universitária capaz de transformar a região de exportadora para importadora de estudantes e profissionais, cuja qualidade resulte, não só neste atrativo, mas em uma dinâmica social transformadora da realidade atual. A dificuldade de acesso e frequência à universidade, distante dezenas de quilômetros, além da oferta de graduação à distância de baixa qualidade são vistos como empecilhos à efetivação deste desejo da comunidade.

As áreas de enfoque apontadas pela comunidade demandam a instalação de um campus e devem influenciar como prioridade:

Turismo com ênfase étnico e ecológico.

Desenvolvimento regional e proposição de políticas públicas.

Desenvolvimento industrial, tecnológico e formação de mão-de-obra.



Blumenau fechou ciclo de debates com discussão sobre saúde e problemas sociais

Seminário realizado em Blumenau, 7 de junho:

A universidade precisa consolidar-se como vetor de produção de conhecimento e desenvolvimento.

Ao caráter público, já existente na FURB, faz-se necessário acrescer o financiamento não dependente de mensalidade e a capacidade de integração à sociedade. É necessário reconhecer a exclusão social como problema central, considerar que a seleção de carentes (qualificação para bolsas) também é fruto e reprodução dessa exclusão.

A universidade precisa assumir sua responsabilidade como co-partícipe nos ensinos médio e funda-

mental. Precisa influir no acréscimo de qualidade da educação, não só na formação de professores, mas nos mecanismos de manutenção dos estudantes na escola e na própria universidade.

Os problemas sociais devem ser enfrentados, para além dos mecanismos tradicionais, com promoção de cultura e desenvolvimento de consciência política. Formar cidadãos resulta em uma sociedade mais cidadã.

Blumenau é cidade campeã em adoecimento psíquico, em grande parte pelo modelo de sociedade.

Esta análise e demanda o maior esforço físico e psicológico para desenvolver as atividades de trabalho e estudo. Qualificar os processos produtivos, livrar a sociedade de uma concepção que enalteça o sacrifício protege a saúde dos cidadãos e é também função de uma universidade comprometida.

Blumenau carece de políticas públicas e investimento em atividades universitárias que impulsionem o desenvolvimento, prioritariamente nas áreas de habitação, vulnerabilidade ambiental, tecnologia de transporte, saúde e cidadania.

Para participar das atividades do Comitê Pró-Federalização da FURB, entre em contato:

Endereço: FURB - Rua Antônio da Veiga, 140. Campus I, Sala C-200.
CEP 89012-900 Blumenau SC. Fone: (47) 3321-0940. Correio-e: furbfederal@furb.br



Brusquenses apontaram a federalização como ferramenta de acesso e frequência ao ensino superior na região

Teatro em Blumenau: um olhar para ontem

POR SABRINA MOURA, atriz e pesquisadora da Cia. Carona de Teatro <sabmoura@ciacarona.com.br>

Desde que comecei a me aventurar na arte Blumenauense ouço trechos entrecortados sobre as origens do teatro em Blumenau. Como de praxe, em se tratando de história, as versões variam conforme o ponto de vista do orador. Entre uma conversa e outra, uma leitura aqui e ali (bem superficiais, por sinal), também acabei criando a minha versão. Confesso que nunca me dei por satisfeita: algumas perguntas ficavam sem respostas, e às vezes, quando questionada sobre a procedência do teatro Blumenauense, me deparava com a minha ignorância em relação ao contexto em que estou inserida. Das poucas informações que compunham a minha versão, o nome de Rose Gaertner (1842-1900) se destacava como uma das pessoas mais importantes da história do teatro Blumenauense, o grupo Frohsinn como grande responsável pelas produções de muitos espetáculos e o público como exímio e constante apreciador, ou seja, uma época muito mais frutífera artisticamente que a atual.

O que me intrigava era por que uma cidade com um histórico cultural tão rico apresenta tantas dificuldades para promover o teatro na contemporaneidade. Nota-se hoje uma frágil afinidade do poder público em relação ao fazer teatral e uma iniciativa privada resistente em apoiar as manifestações artísticas locais. Esta realidade não condiz com o passado áureo do teatro em Blumenau. Diante desta contradição, fui provocada a buscar na história respostas que pudessem elucidar o contexto contemporâneo. Iniciei essa busca partindo da data oficial de fundação da cidade, 1850, até 1939, e algumas questões começaram a clarear.

De fato Rose Gaertner foi uma das maiores motivadoras do teatro: fundou a Sociedade Teatral Blumenau, em 1860, que anos mais tarde passou a intitular-se Sociedade Teatral Frohsinn, e que devido à intensa campanha de nacionalização em 1939 alterou novamente seu nome para Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes. Por muito tempo a Sociedade Teatral funcionou anexa à Sociedade de Atiradores (atual Tabajara Tênis Clube). Gaertner atuou e dirigiu muitos espetáculos, mas sua participação foi muito além de ensaiar e apresentar. Ela colaborou estruturando o grupo, buscando condições para melhorar o espaço físico e também a estética dos espetáculos. Cabe lembrar que todos os integrantes eram amadores, as peças montadas eram subsidiadas com apoio dos próprios associados, ou seja, ninguém dependia financeiramente das atividades teatrais para sobreviver. Muito pelo contrário, as boas condições financeiras dos envolvidos davam vida ao teatro.

Em 1895 realizaram o sonho da sede própria e o Teatro Frohsinn era inaugurado. Com a morte de Rose em 1900, os integrantes se viram incumbidos na tarefa de não deixar esmaecer o que Gaertner havia dedicado uma vida para construir. O empreendedorismo da Sociedade Teatral Frohsinn se mostrou muito eficaz, promovendo muitos acontecimentos culturais: concertos, espetáculos de dança, bailes de máscaras, festas de trajes, etc. A tradição de realizar um baile após as apresentações teatrais foram

mantidas, sempre com muito glamour. Ir ao teatro era mais do que apreciar a arte, era um evento. Este movimento adentrou o século XX com muito fervor, exceto nos períodos da Primeira e Segunda Guerra Mundial a produção local era intensa. Com a chegada do Maestro Heinz Geyer na década de 1920, o fazer teatral, em Blumenau, ganhou uma nova identidade, musicais e operetas eram frequentemente montados na cidade.

A sede adquirida há mais de 40 anos não era mais compatível com a quantidade de pessoas que participavam dos acontecimentos promovidos. No dia 1º de julho de 1939, um grande evento marca a inauguração do novo prédio, onde atualmente localiza-se a Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes.

Aparentemente o berço do teatro Blumenauense apresenta-se imponente. O que não podemos deixar de considerar é que todo este movimento se deu dentro de uma sociedade privada, ou seja, para poucos. As apresentações teatrais foram financiadas e apreciadas por muito tempo apenas pelos associados. Quando as portas eram abertas para o "público em geral", freqüentavam os eventos apenas aqueles que tinham condições financeiras para custear os ingressos.

Durante o período pesquisado, pouquíssimas manifestações teatrais aconteceram fora da Sociedade Teatral Frohsinn, ou seja, o teatro acontecia para uma elite cultural, que patrocinava as atividades artísticas do seu próprio grupo, atendendo aos seus gostos e valores, sem depender do poder público. Aliás, tendo à frente o prefeito provisório Antonio Candido de Figueiredo, uma das primeiras medidas deste último, em relação ao teatro, foi a cobrança de taxas para apresentações de espetáculos, em 1931, o que diminuiu significativamente o interesse pelas montagens.

Blumenau realmente foi um pólo cultural, que não é levado em consideração é que a cidade não se resumia apenas aos indivíduos que sustentavam e produziam a arte privada. Seguramente nos anos que se seguiram para além dos meus estudos, outros acontecimentos colaboraram para o contexto atual, mas esta duradoura independência artística influenciou uma parcial isenção do poder público em relação à produção teatral na cidade. O teatro em Blumenau, mais de 90 anos amador e privado, pena (e muito) para se desenvolver profissionalmente.

A autora encena a peça "Volúpia" na Mostra Blumenauense dia 12/7, 20h30 e 22h30, na Fundação Cultural e participará do "Conversas Sobre Teatro" com o tema deste artigo dia 15/7, 18h30, no Teatro Carlos Gomes

Veja a programação do Fitub em www.furb.br/fitub

Fitub em cena

24ª edição do Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau ocorre de 8 a 16 de julho, trazendo arte, troca de experiências e cidadania para a região



POR LEO LAPS, jornalista do SINSEPE <leolaps@gmail.com>

O FITUB (Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau), chega a sua 24ª edição, de 8 a 16 de julho, como uma confirmação de que, pelo menos pelos próximos anos, não haverá mais inverno na cidade sem a presença de estudantes de artes cênicas, atores, atrizes, diretores e artistas de toda a América Latina – como aconteceu em 2009, quando o evento foi cancelado e correu o risco de se tornar bienal.

Com o tema "Além da Cena", a proposta deste ano é focar oficinas no trabalho de quem constrói, atrás das cortinas, aquilo que o público vai apreciar nos palcos: maquiagem, figurinos, cenografia e iluminação, por exemplo. Criado e coordenado pela FURB desde 1987, o FITUB terá como de costume experiências inéditas. A principal dela deve ser o "Teatro na Escola". Segundo Pita Belli, coordenadora do festival, a proposta é

levar oficinas de artes cênicas às escolas da região. "Os alunos vão assistir à duas peças, uma encenada por artistas profissionais (da Minha Nossa Cia. de Teatro, de Curitiba) e outra por crianças de uma escola da periferia de Belo Horizonte (Grupo Las Meninas)", explica Pita.

Outra novidade será a inclusão das artes visuais com a presença de grafiteiros no Teatro Carlos Gomes (TCG), principal palco do FITUB. "Sempre criamos, a cada ano, novas ações. Com a boa receptividade, acabamos repetindo-as e, assim, o festival vai crescendo", afirma a coordenadora.

O Palco Giratório é uma dessas ações que surgiram há anos e viraram parte fundamental do festival. Responsável por levar teatro aos bairros da cidade, o projeto surgiu da necessidade de oferecer a alguns grupos de teatro um palco diferente dos tradicionais, como o do auditório do TCG. Asilos, casas, galpões,

praças e terminais de ônibus são alguns dos alvos dos artistas que participam do FITUB, levando arte a um público que, muitas vezes, vive sem acesso à eventos culturais.

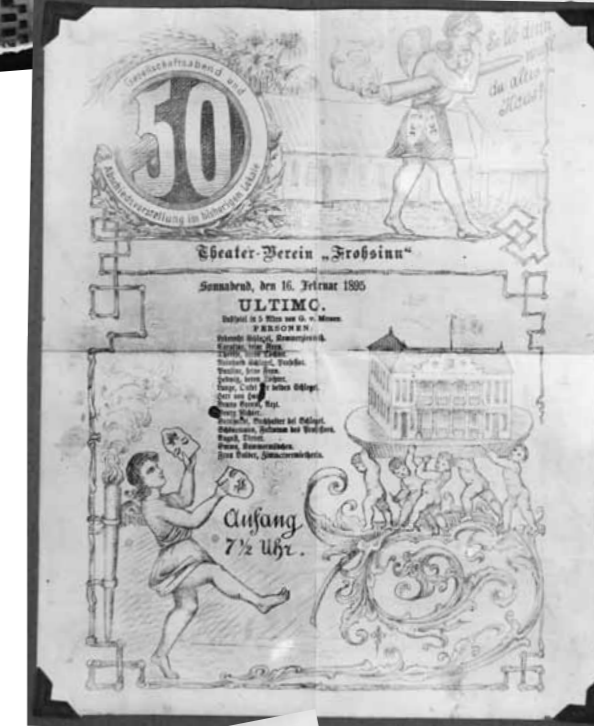
O VALOR DA ARTE

Mesmo considerado um dos mais importantes eventos do gênero em todo o continente, espaço único de troca de experiências, cidadania e cultura, o festival demanda esforço para se manter ano após ano. Um problema essencial das políticas culturais do país ainda atrapalha os planos do FITUB, ano após ano: a falta de financiamentos mais consistentes, tanto públicos quanto privados, através de leis de incentivo fiscal, como a Rouanet.

A coordenadora do festival, Pita Belli, explica que há sempre um "Plano A" para cada festival (que, para a 24ª edição, seria gastar pouco mais de R\$ 1 milhão no evento). Mas, após o aporte de verbas públicas do Estado, FUNARTE e da

contrapartida da FURB, a soma obtida obriga a organização a "passar para os planos B, C, D, E...", conforme comenta Belli. Justamente por isso, inclusive, o evento quase passou a ocorrer de dois em dois anos. Mas o protesto da classe artística, que inclusive organizou um festival relâmpago na mesma época do FITUB, em 2009 – o Nosso Inverno –, foi essencial para manter a anuidade do evento.

O *Expressão Universitária* deste mês dedica as próximas páginas para as artes cênicas, abrindo espaço para artistas locais, como forma de apoio à produção cultural da região. São textos produzidos pelos atores e pesquisadores Sabrina Moura, da Cia. Carona de Teatro, e Cleiton Rocha, do VisCera Teatro, e pelo escritor e dramaturgo Gregory Haertel. Completa o material o escritor e servidor da FURB Viagas Fernandes da Costa, colunista desta publicação. Boa leitura e bons espetáculos!



De cima para baixo: 1) Jantar na Sociedade Teatral Frohsinn; 2) Sede da Sociedade Teatral Frohsinn; 3) Programa da peça "Ultimo"; 4) Retrato de Rose Gaertner (Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva)

Espectáculo infantil "O Homem do Banco Branco e a Amoreira" será atração do projeto Teatro na Escola, que levará as artes cênicas aos estudantes do ensino fundamental da região (Foto: Daniel Protzner)

especial
Teatro

especial
Teatro

Um teatro vivo e propositivo

POR VIEGAS FERNANDES DA COSTA, escritor e editor do site Sarau Eletrônico (www.bu.furb.br/saraueltronico), da Biblioteca da FURB <viegas@furb.br>

especial
Teatro

Ainda que constatada a absurda falta de investimentos públicos no desenvolvimento de atividades artístico-culturais em Blumenau, bem como a ausência de uma política clara definida para a área, sazonalmente a cidade é palco de interessantes experiências no campo do Teatro. Experiências que parecem ter atingido certa maturidade no transcorrer desta primeira década do século XXI, em que se percebe uma diversificação de linguagens dramáticas, uma maior organização e profissionalização do setor e a constituição de um público constante para os espetáculos. Realidade conquistada, fruto portanto de uma história com muitos altos e baixos e que não se iniciou ontem.

É preciso que destaquemos algumas iniciativas que contribuíram para que o cenário teatral Blumenauense alcançasse o patamar

de Itajaí, formaram-se nas atividades desenvolvidas a partir do NUTE.

Outra importante iniciativa na história do Teatro em nossa região foi a criação, em 1987, do Festival Universitário de Teatro de Blumenau (atualmente internacionalizado). O FITUB, como hoje é conhecido, sempre contribuiu para o intercâmbio de experiências dramáticas entre grupos universitários do Brasil e exterior. Com sua periodicidade anual (exceção para 2009, ano em que o Festival não se realizou por decisão da então Reitoria da FURB), e sua maratona de peças, debates e atividades correlatas, o Festival sempre proporcionou um espaço privilegiado de exibição da produção teatral universitária e, principalmente, de troca de experiências por meio do exercício da análise e da crítica. Também não há dúvidas quanto à contribuição do FITUB para a for-

matriz de fomento da economia criativa em nossa região, mas que infelizmente carecem da atenção pública devida. Ainda assim sobrevivem e são fortemente responsáveis pelo espaço que o teatro vem ocupando no cenário cultural do Vale do Itajaí.

Também a criação em 2004 do curso superior de Bacharelado em Artes Cênicas pela Universidade Regional de Blumenau, e do surgimento, há 15 anos, da Companhia Carona de Teatro (que funciona como escola de teatro do Teatro Carlos Gomes – ocupando um espaço anteriormente representado pelo NUTE – e como companhia de teatro), concorreram para a profissionalização de atores e para o exercício da produção teatral na região. Muitos dos protagonistas que frequentam os “palcos” Blumenauenses são oriundos destas duas escolas de teatro (FURB e Carona) que,

versos grupos da região, e compreende a categoria enquanto classe, conforme definição que consta do Artigo 1º do seu Estatuto Social: “é uma associação civil sem fins lucrativos, congregando grupos, artistas, produtores e trabalhadores culturais da área de Teatro(...)”. Ao entender os profissionais do Teatro enquanto trabalhadores, a ABLUTEATRO qualifica o debate artístico local, sempre tão atrelado ao dilematismo, exigindo que a categoria seja reconhecida e respeitada como mão-de-obra qualificada no campo da economia criativa. Cabe a esta associação contribuir também com a organização da Temporada Blumenauense de Teatro, que mensalmente estreia montagens desses grupos, apresentadas a preços populares, e tornando a produção local acessível e reconhecida pelo público. Desde 2005, ano em que a Temporada foi criada, houve a consolidação de uma plateia que, paulatinamente, vem se diversificando.

Sabemos, entretanto, que a maturidade não significa estar pronto, tampouco carecer de dificuldades. Se por um lado os grupos Blumenauenses produzem montagens de grande apuro técnico e sensibilidade artística, por outro lado a Temporada Blumenauense de Teatro também traz à cena alguns trabalhos dramaturgicamente muito frágeis. Constatção que está longe de causar estranheza em um processo de construção; afinal, a maturidade do cenário local está na capacidade de assumir os riscos do novo, e não quando da tentativa de seguir fórmulas tradicionais. São justamente as propostas de maior ousadia aquelas que melhor dialogam com o público e acabam por ultrapassar algumas fronteiras, inclusive as geográficas, alcançando públicos de outros municípios e estados.

Por fim, vale lembrar que dentre as dificuldades que o segmento das artes cênicas enfrenta em Blumenau, para além da ausência de políticas culturais como um todo, e da crítica de arte especializada, está a inexistência de espaços públicos adequados para a exibição das montagens, haja visto o Teatro Carlos Gomes, único teatro realmente estruturado da cidade, constituir-se como um espaço privado, e os auditórios da Fundação Cultural apresentarem uma estrutura decadente e que não atende às necessidades técnicas mínimas para a apresentação de espetáculos com formatos mais exigentes. Ainda assim, ressalvadas todas as dificuldades, o Teatro em Blumenau mantém-se vivo e propositivo, promovendo diálogos e provocando as estruturas da cidade.

Quando dissemos, no início deste texto, que o setor das artes cênicas atingiu um certo nível de maturidade em Blumenau, a afirmação não se refere exclusivamente ao campo artístico, mas também ao político. Dentre todos os setores artísticos da cidade, o do teatro é o que apresenta melhor organização e atuação política. Há, inclusive, uma associação que representa os interesses do segmento. Criada em 2010, a ABLUTEATRO reúne di-

A Grande Parada (ou o que ainda resta dela) em circulação

POR CLEITON ROCHA, psicólogo e ator do VisCera Teatro <viscerateatro@gmail.com>



Grupo Viscera Teatro apresentou em cinco bairros de Blumenau peça baseada em texto de Brecht (Foto: Leo Kufner)

O VisCera Teatro, em seu terceiro ano de existência, optou por iniciar o processo de circulação do espetáculo *A Grande Parada (ou o que ainda resta dela)* – projeto oriundo de nossa formação na Carona Escola de Teatro com a montagem

Que tipo de política cultural precisamos para que as pessoas possam estudar o que elas quiserem? Onde arte e vida se alcançam na escola? Como estão nossas escolas?

“Tem um lugar pra mim aí?” ... haveria lugar pra ela ali? Que tipo de política cultural precisamos para que as pessoas possam estudar o que elas quiserem? Quanto tempo elas tem pra isso? Tem lugar pra mim aqui? Onde arte e vida se alcançam na escola? Como estão nossas escolas? Como as pessoas que constroem cotidianamente este espaço são compreendidas?

Nossas reflexões não conseguem atingir a totalidade dos desafios que o projeto de circulação nos impôs, assim, paratruída através de meios próprios e ajuda de parceiros como a Cia Carona de Teatro e o Grupo Detalhe de Indaial, além de todas as pessoas que passaram pela história do grupo e contribuíram para sua viabilidade.

O projeto foi realizado durante o período de 1º de março a 31 de maio de 2011 em cinco bairros do município de Blumenau (Itoupava Central, Fortaleza, Badenfurt, Progresso e Velha), totalizando dez apresentações. O grupo realizou conversas com o público ao término de cada sessão, momentos que permitiram uma aproximação entre atores e espectadores e conversas sobre teatro, arte, história, violência, discriminação, fome, condições de trabalho, nossa cidade...

“De onde vem a discriminação?”, perguntavam as estudantes, o grupo dialogava... você sabe a resposta? momentos de mútua relação.

Contudo, consideramos que a quantidade insuficiente de verbas e planejamento – tanto em relação ao Fundo Municipal de Apoio à Cultura, quanto em relação ao desenvolvimento de infraestrutura comunitária – constituem um entrave importante para a efetiva ação cultural. A mediação, divulgação e apresentação – em termos gerais – dependem da ação dos grupos e da postura das direções comunitárias. Agradecemos aos trabalhadores das escolas e comunidades por onde passamos, sem eles, não teria sido possível.

Existem demandas reais nos bairros, nosso trabalho foi bem recebido, muitas escolas e grupos estão com suas portas abertas. Mas, com os recursos e a ação efetuadas até o momento, o trabalho de construção

de Políticas Públicas de Cultura parece prejudicado. As críticas recorrentes acerca desta pauta apenas reforçam a crise pela qual passamos. Dos resultados das conferências municipais de cultura só vemos rascunhos e promessas – e alguns processos criminais.

Na área de educação as dificuldades não são menores. Os professores têm falado sobre isso, eles protagonizam uma ação histórica nesse momento, esperamos que suas reivindicações sejam atendidas, no mínimo. Acreditamos que trabalhadores e estudantes devem possuir os recursos e as relações necessárias não só para

receber, mas para produzir arte. Mediante nossa compreensão acerca de Blumenau nesse momento, parece-nos interessante a ironia de Bertolt Brecht: “Não se deve ser crítico demais / Entre sim e não / Não é tão grande a diferença / Escrever no papel em branco / É uma coisa boa, e também / Dormir e comer à noite / A água fresca na pele, o vento / As roupas agradáveis / o ABC / A defecação / Falar de corda em casa de enforcado / Não é apropriado / [...] Ah / Quem é capaz de imaginar / Um céu de estrelas / Esse / Bem poderia calar a boca”.

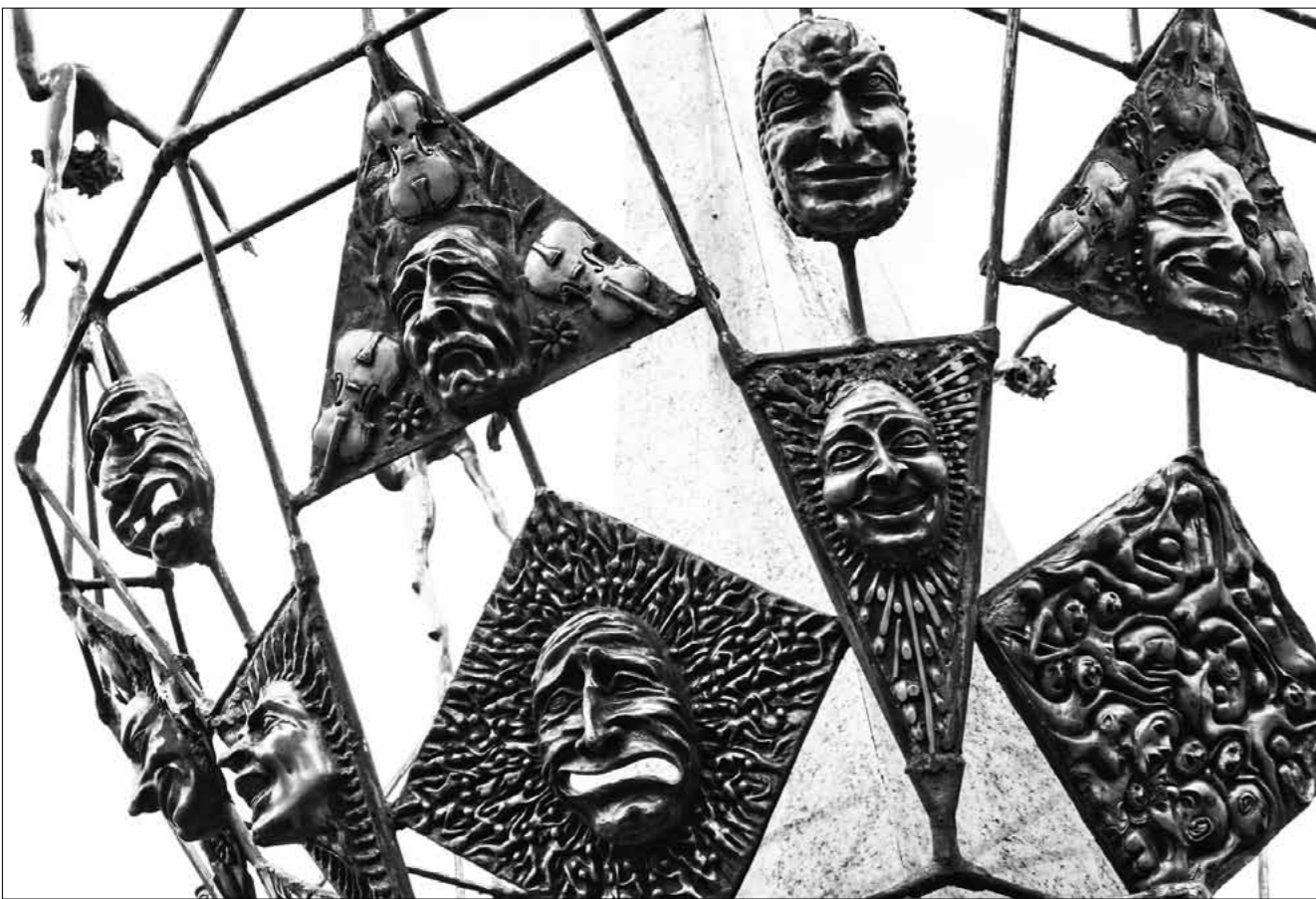
A Fundação Cultural de Blumenau continua a ruir. Os estudantes insistem em voltar pra casa. Os professores lutam por educação. Nós continuamos aprendendo-fazendo teatro. Juntos, vamos tropeçando entre nossas vidas turbulentas de

Acreditamos que trabalhadores e estudantes devem possuir os recursos e as relações necessárias não só para receber, mas para produzir arte

determinações e de boletos, de esperança e desespero. Mas acreditamos, sobretudo, que em cada encontro – entre nós, entre as vísceras, ou entre o mundo, entre a arte, entre as pessoas – aí é que reside nossas possibilidades mais humanas, mais promotoras de uma arte que seja vida.

¹Walter Benjamin. Que é o teatro épico? Um estudo sobre Brecht in Magia e técnica, arte e política, São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 90

Foto: Leo Laps



em que se encontra hoje. Em primeiro lugar, chamar a atenção para o Núcleo de Teatro Experimental (NUTE) do Teatro Carlos Gomes, que teve importante atuação no cenário artístico-cultural da cidade, notadamente nas décadas de 1980 e 90, seja através dos Jogos de Teatro (onde toda cadeia da produção teatral – do texto à representação – era estimulada através de competições que premiavam peças de curta duração, concebidas e montadas em intervalos de poucas horas), seja através dos cursos de Teatro e da apresentação das peças produzidas pela escola. Muitos dos atores, diretores e público que atualmente frequentam o cenário artístico do Vale

mação de plateias, elemento central para o desenvolvimento de toda cadeia produtiva que atua no entorno desta atividade artística. Segundo dados oficiais publicados pela organização do Festival, em 2010 o público que assistiu às peças totalizou 23 mil espectadores. Este número demonstra o crescimento e importância deste evento que, em sua primeira edição, reuniu 5 mil espectadores. Evento que divide sua importância e significado com o Festival Nacional de Teatro Infantil (FENATIB), promovido pela Fundação Cultural de Blumenau e que neste ano chega a sua 15ª edição. FITUB e FENATIB são as duas faces de uma importante es-

especial
Teatro

A Dramaturgia em processos colaborativos

POR GREGORY HAERTEL, *psiquiatra e escritor* <gbhaertel@bol.com.br>

Desde que a minha solitária experiência de escrever contos e romances abriu caminho para a colaboração, como dramaturgo, com espetáculos teatrais de Blumenau e região, já se vão mais de seis anos e algumas peças. Em todo este período, e cada vez mais, tenho me perguntado sobre as semelhanças e diferenças de tais funções. Existe alguma similaridade entre escrever contos e peças? Tradicionalmente, sim. Tradicionalmente, o dramaturgo escrevia todas as falas, situava o texto em determinadas ambientações e sugeria à direção e aos atores (através de rubricas), ações, sentimentos e motivações. Hoje em dia, ao contrário, alguns grupos têm optado, muitas vezes, por criar algo próprio, a partir de interesses de cada um de seus participantes e não a partir de um "texto pronto". Para isto, chamam um dramaturgo que tem a função de traduzir estas vontades (logicamente somadas às vontades do próprio dramaturgo) em um espetáculo criado em colaboração.

Neste tipo de espetáculo (ao contrário de espetáculos criados coletivamente, onde não há a assinatura do diretor, do dramaturgo, etc...), cada um dos participantes tem função bem definida e é responsável pela sua parte, porém há, e deve haver, constante interferência sobre o trabalho do outro. Assim, um ator, durante um exercício proposto, pode criar uma cena (ou um texto, ou um conjunto de ações) que passará a fazer parte do roteiro daquela peça; o diretor pode sugerir mudanças de personagens e intenções; o dramaturgo pode (e deve) participar de ensaios para "ler" o que está sendo feito e melhor direcionar o texto. A "história" que surge não é uma "história" que o dramaturgo, sozinho, necessariamente gostaria de (ou conseguiria) contar, mas a "história" possível de ser contada a partir da experiência daquele processo.

Tendo dito isto, acredito que já fique bastante evidente a enorme diferença entre a escrita de, por exemplo, um romance, e a escrita de um texto dramático em processo colaborativo. Algumas pessoas também devem estar se perguntando sobre a dificuldade de se unir diversos criadores (atores, diretor, dramaturgo, cenógrafo, etc...), muitas vezes com interesses e opiniões diferentes, e de se conseguir um convívio harmonioso e um resultado coeso. Acredito serem estas, realmente, as maiores dificuldades deste tipo de processo. Discussões e posicionamentos divergentes sempre acontecerão durante o trabalho e há de se tomar cuidado para, na vontade de se manter material criado de excelente qualidade, não se esquecer do todo em função de uma parte, ou seja, há de se

tomar cuidado para não levar para o espetáculo diversas cenas lindíssimas mas que, paradoxalmente, não contribuem em nada para o resultado final (muitas vezes pode acontecer, inclusive, da manutenção de boas cenas diminuir o resultado final: um "todo" bom e coeso não é necessariamente o agrupamento de diversas boas partes).

Outra questão que deve ser levada em conta é que, apesar de reunidos em um mesmo nome (processo colaborativo), cada processo é único e específico. Para citar alguns exemplos, a peça *A Parte Doente*, minha primeira experiência tanto com a Cia Carona de Teatro (www.ciacarona.com.br) quanto como dramaturgo, foi realizada a partir de um conto homônimo escrito por mim, conto este que foi fragmentado pelos atores e utilizado por estes para a criação de cenas individuais. A partir destas cenas, concebeu-se a estrutura e características das personagens, novos textos foram escritos e, com base neles, novas cenas foram criadas dando início a novos textos e assim sucessivamente até o resultado final. Quem tem a oportunidade de comparar o conto com o texto da peça encontra enormes diferenças, inclusive no tom da narrativa, e percebe apenas trechos ou frases do conto original sendo pronunciados pelos personagens em cena.

Em *Volúpia*, também da Cia Carona de Teatro, ao contrário de *A Parte Doente*, o processo partiu da experimentação física dos atores em treinamentos dirigidos por Pépe Sedrez, diretor da companhia. O texto surgia, lentamente, a partir do material observado durante os ensaios. Mais de um ano se passou entre idas e vindas de opções narrativas e recortes de textos e cenas, até que se chegou a um resultado que todos os envolvidos consideraram satisfatório.

Já quando fui convidado pelo Grupo Detalhe de Teatro (detalheteatro.blogspot.com), de Indaial, para escrever *Amar (e Mesmo Assim...)*, havia um interesse do grupo em trabalhar com o universo das músicas românticas em um tom cômico, sem abdicar de uma crítica aos modelos de comportamento "impostos" pela mídia. Com este ponto de partida, o mesmo trabalho de observação de cenas, discussão e criação de textos teve início.

Nas minhas experiências em processos colaborativos, percebo

que há algumas características importantes em todos os envolvidos (onde se inclui o dramaturgo) para que o andamento dos trabalhos se dê de forma menos desgastante, sendo que as principais são a capacidade de receber críticas, o interesse em dialogar e o respeito pelas idéias e vontade dos outros.

Diferente do texto literário, onde o autor é responsável desde a ideia até a forma final do conto ou romance e neles pode se expressar livre-

mente, nos trabalhos colaborativos a função do dramaturgo é de tornar concreto, no roteiro e nas palavras, o que aquele grupo de artistas, naquele determinado momento, quer falar. Neste sentido, enquanto o livro é do seu autor, um espetáculo criado em processo colaborativo é, e sempre será, o espetáculo de um grupo.

O autor terá três peças encenadas na Mostra Blumenauense: "*Estrangeiros*" (11/7, 20h30 e 22h30), "*Volúpia*" (12/7, 20h30 e 22h30) e "*Amar (e mesmo assim)...*" (14/7, 20h30 e 23h). Todas na Fundação Cultural



Texto de "*Volúpia*", encenado pela Cia. Carona de Teatro, foi construído por Haertel através de observações dos ensaios do grupo (Foto: Matheus Moraes)